

**DIETA E ESTRUTURA TRÓFICA DAS COMUNIDADES DE PEIXES—UMA VISÃO ETNOICTIOLÓGICA DOS PESCADORES DO RIO PARNAÍBA E POTY** Maria do Socorro Viana do Nascimento (svianan@yahoo.com.br); Celma Yara de Oliveira Lima -Universidade Estadual do Piauí - UESPI.

### **Introdução**

Os conhecimentos das comunidades ribeirinhas sobre os aspectos ecológicos são freqüentemente desconsiderados pela sociedade científica. É preciso reconhecer a contribuição das sociedades tradicionais em perceber a diversidade, oferecendo um conhecimento, igualmente racional, além daquela apresentada pela ciência moderna (Diegues, 2000). A população alvo desta pesquisa localiza-se as margens dos rios Parnaíba e Poty e exerce como principal atividade a pesca artesanal, a produção excedente é comercializada principalmente no período de cheia ( janeiro a março). Os pescadores de rios e represas possuem conhecimento profundo a respeito dos peixes e do outros recursos aquáticos explorados por eles, isto foi mostrado nos trabalhos de Thé (1999) e Silva-Montenegro (2002). Este conhecimento permanece ainda largamente desconhecido da maioria dos ecólogos e administradores sob a ameaça de perda da biodiversidade de saberes, já que há o contato com outras culturas e a pressão sobre os recursos modificou formas de perceber e manejar o ambiente. O conhecimento do comportamento alimentar dos peixes possibilita a compreensão das relações entre a ictiofauna e os demais componentes do sistema aquático, servindo de base para o entendimento do papel ecológico desempenhado pelos peixes, fornecendo subsídios para a conservação dos ambiente aquáticos (Pompeu & Godinho, 2003). Dessa maneira, a análise da complexidade da rede trófica e, conseqüentemente, do modo como as espécies utilizam os recursos alimentares disponíveis são fundamentais na elaboração de estratégias futura de manejo de populações naturais, bem como para atividade de cultivo (Hahn et al., 1997)

### **Objetivos**

Esta pesquisa tem como objetivo estudar o conhecimento etnoictiológico dos pescadores do rio Parnaíba e Poty, no aspecto do comportamento alimentar e reconhecimento dos habitats das espécies de peixes, comparando-o com o conhecimento científico.

### **Métodos**

O rio Parnaíba é o recurso natural que melhor representa o estado do Piauí, já que 96 % do seu território encontra-se sob a Bacia do Rio Parnaíba. Possui uma extensão aproximada de 1.450 km, divide os estados Piauí e Maranhão e percorre vários municípios importantes até chegar ao oceano Atlântico. Uma das cidades banhadas pelo rio Parnaíba, é Teresina, capital do estado, além deste, encontra-se também o rio Poty, que nasce na serra da Ibiapaba no Ceará. A confluência destes rios forma a barra do Poty, local onde se desenvolveu a atividade pesqueira antes mesmo da construção da cidade de Teresina, há 153 anos e que perdura até hoje. Os dados deste trabalho foram coletados através métodos qualitativos (diálogos, entrevistas) com os pescadores residentes do bairro Poty Velho, procurando-se obter informações sobre a cultura pesqueira dos investigados, evidenciando-se o conhecimento dos pescadores sobre os peixes e o ambiente. A partir das informações obtidas construiu-se questionários semi-estruturados. A análise das informações obtidas foi estritamente qualitativa, efetuada por meio da interpretação do discurso dos entrevistados, buscando, sempre que possível, justapor o modelo percebido (conhecimento etnoecológico) ao modelo operacional (conhecimento científico), através de bibliografia especializada e consulta a especialistas em ictiologia.

### **Resultados**

Os dados apresentados mostram 19 espécies de peixes citados pelos informantes e a dieta alimentar descrita pelos ribeirinhos. Os aspectos relacionados com a distribuição e abundância dos recursos pesqueiros foram percebidos e emitidos sob a forma de diferentes etnocategorias, especialmente relacionados com o habitat e alimentação. Observou-se que, com relação ao habitat, os pescadores distinguiram três tipos de microhabitats, associando a cada um deles componentes ictiofaunísticos próprios, reconhecidos nas seguintes etnocategorias: “peixe de lama” (sarapó ou lampreia- *Sternopygus macrurus*), “peixe de pedra” (tucunaré- *Cichla ocellaris*) e “peixe balseiro” (mandi- *Hassar* sp ). Os microhabitats identificados como “lama”, “pedra” e “balseiro” (bagulho) para eles significam os locais onde os peixes se alimentam, “gosta mais é de lama esse ai (sarapó), só lama, é igual o tamanduá bota a língua pra fora e quando tá cheia de coisa ele engole”, e se abrigam “fica entocado nas pedras, tronco de árvores (tucunaré)”. Quanto à distribuição vertical, os pescadores reconheceram que as etnoespécies que

habitam o rio posicionam-se em três níveis da coluna d'água, distinguindo-as como “peixe de flor d'água” (matrinchã- *Ageneiosus valenciensesi*), “peixe do meio d'água” (sardinha-*Triporthus angulatus*) e “peixe de fundo” (bodó- *Louricaria parnahybae*). Níveis intermediários também foram observados como: “peixes que pulam” (branquinha- *Acuticurimata macrops*) “elas pulam pra fugir dos outros peixes, elas sente eles e foge”. A posição ocupada pelos peixes influencia a técnica de captura, verificada através da “pesca de párea” e “pesca de táxi”. Com relação ao comportamento alimentar, o conhecimento dos pescadores relacionaram a alimentação ao ambiente. Como exemplo, os relatos referentes ao bagre branquinho (*Brachyplatystoma vaillanti*) citado como “porcalhão”, “ele é mais porcalhão, come carniça”. As informações não se detém apenas sobre o que come, mas também sobre o que não come, exemplo: bico-de-pato (*Sorubim lima*) “come a manjubinha porque é menor, comer a branquinha dessa daí ele engasga”, ou variações na dieta habitual como no caso do matrinchã “come escumazinha, semente, o que vai passando”. O conhecimento etnoictiológico dos pescadores sobre dieta alimentar mostrou-se similar ao da literatura para as espécies *Pseudoplatystoma fasciatus*, *Brachyplatystoma vaillanti*, *Ageneiosus brevifilis*, *Sorubim lima*, *Schizodon fasciatus*, *Cichla ocellaris*, *Serrasalmo mattereri*, a maioria carnívora, diferindo para o restante das espécies citadas. A partir dos conhecimentos da etologia dos peixes que habitam o rio, os pescadores, elaboram estratégias e armadilhas de pesca, utilizando recursos da região como o coco-babaçu e fibras, conforme o trecho: “o curral pega mandi, é feito de madeira fina, mororó, farinha seca, laranjinha, talo de coco, taboca e bota o come-ralão (bagaço do coco-babaçu), aí eles cai dentro e não consegui sair”.

### **Conclusão**

A distribuição vertical apresentou três categorias “peixe de flor d'água”, “peixe do meio d'água” e “peixe de fundo”, além do nível intermediário “peixes que pulam”. A dieta alimentar apresentou baixa similaridade quando comparada a literatura, das 19 espécies mais citadas pelos pescadores, apenas sete apresentaram o mesmo padrão alimentar, a razão da variação na dieta pode está associada ao ambiente e ao escasso conhecimento sobre a ecologia da ictiofauna do rio Parnaíba.

### **Bibliografia**

DIEGUES, A.C. Etnoconservação da natureza: enfoques alternativos. In: A.C. DIEGUES (Ed.). *Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos*. São Paulo: Hucitec Ltda. 2000.

THÉ, A.P.G. *Etnoecologia e produção pesqueira dos pescadores da represa de Três Marias, MG*. São Carlos, UFSCar. 84p. (Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Carlos). 1999.

SILVA-MONTENEGRO, S.C. *A conexão homem/camarão (*Macrobrachium carcinus* e *M. acanthurus* no baixo São Francisco alagoano: uma abordagem etnoecológica*. São Carlos, Programa de Pósgraduação em Ecologia e Recursos Naturais. 210p. (Tese de Doutorado. Universidade Federal de São Carlos). 2002.

POMPEU, P.S. & H.P. GODINHO. Dieta e estrutura trófica das comunidades de peixes de três lagoas marginais do Médio São Francisco. In: H.P. GODINHO & A.L. GODINHO.(Org.). *Água, peixes e pescadores do São Francisco da Minas Gerais*. Belo Horizonte: PUC Minas. 2003.

HAHN, N.S.; R. FUGI; V.L.L. ALMEIDA; M. RUSSO & V.E. LOUREIRO. Dieta e atividade alimentar dos peixes do reservatório de segredo, p.141-162. In: A.A. AGOSTINHO & L.C. GOMES (ed.). *Reservatório de Segredo: bases ecológicas para o manejo*. Maringá: Eduem. 1997.